

**PROJETO DE INTRODUÇÃO À LINGUAGEM AUDIOVISUAL NO ENSINO
BÁSICO
CINECLUBE LIMITE**

MEIRELES, Tulipa Martins¹; FERREIRA, Carolina², SCHIO, Sônia³

¹UFPel, graduanda de Licenciatura em Filosofia; ²UFPel, graduanda de Licenciatura em Teatro; ³UFPel, Coordenadora Institucional do PIBID II – Humanidades.
tulipameireles@hotmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O presente projeto é um experimento interdisciplinar, realizado no âmbito do ensino básico em um colégio público estadual, tendo como objetivo investigar as possibilidades de utilização da linguagem cinematográfica no ambiente escolar, pois:

O cinema pode ser considerado uma ‘nova’ linguagem centenária, pois apesar de haver completado cem anos em 1995 a escola o descobriu tardiamente. O que não significa que o cinema não foi pensado, desde seus primórdios, como elemento educativo. (Napolitano (2007, p. 22)

Assim, o cinema foi utilizado como meio principal para esta atividade educativa, bem como seu potencial para a formação e expressão da identidade do discente. A concepção do projeto Cineclube ocorreu em meio às atuações do grupo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID em um colégio público da zona urbana de Pelotas, Bairro Centro, onde tinha-se o conhecimento da realidade e do contexto escolar, no qual seriam inseridas as atividades com o tema “Identidade e diferenças”, visando explorar a interdisciplinaridade com as ferramentas: Teatro, Mídias, Visitas guiadas e Cinema. Inicialmente, definiu-se como subprojeto da ferramenta “Cinema” a realização de sessões de cineclube e uma oficina de produção em audiovisual, esta a ser realizada em turno inverso ao das aulas, e aquelas como uma atividade regular, isto é, no expediente de ensino de duas turmas do ensino médio. Na fase preliminar, deu-se uma investigação no meio docente e discente de como a linguagem cinematográfica integrava-se à rotina escolar.

Segundo Sartre (1987, p. 6), “o homem é um ser ao qual a existência precede à essência [a medida que em] primeira instância o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define”. Assim, visando a construção de identidades e reflexão sobre a mesma, considerou-se necessário ao tema norteador a utilização da filmografia brasileira, vista como mais adequada ao objetivo específico de trabalhar uma percepção crítica e promover a identificação da linguagem cinematográfica como meio próprio capaz de expressar os antagonismos pessoais e coletivos do discente, por meio de uma realidade próxima e tangível.

2 METODOLOGIA

No início da elaboração do projeto, observou-se a necessidade do acompanhamento da atividade, de forma a colher o máximo de informações possíveis sobre o que poderia ser realizado e, além disso, de que forma estas realizações poderiam influenciar o meio escolar. Para isso houve a designação de uma equipe de acompanhamento, que faria as entrevistas e os questionários antes e ao longo do projeto. Esse material, junto com as observações de todos os membros do grupo, originou as considerações do relatório final do projeto, trazendo à tona os pontos sensíveis a serem observados neste tipo de atividade.

Ao planejar a inserção do cinema na escola, chegou-se ao conceito do cineclube, entendido como uma atividade que viesse a tratar tanto do contato crítico com as obras cinematográficas bem como a aproximação técnica dessa linguagem, de forma a proporcionar uma relação dinâmica e ativa.

A atividade de exibição das sessões de filmes foi concebida de forma a atingir o maior número de alunos possível, acompanhada de debate com uma breve exposição explicativa, e após o debate com os discentes, sendo realizada em inserção no período regular de aulas. A atividade de realização definiu-se como uma oficina de audiovisual ministrada por alunos de Cinema e Audiovisual da UFPel, a qual teria como “produto final” alguns curta-metragens feitos na técnica de *stop-motion*.¹ Referida oficina teria 15 vagas a serem ofertadas aos alunos participantes do Cineclube, em turno inverso.

“A língua que alguém fala e sua identidade como falante dessa língua é indissociável (...) A língua atua como ato de identidade” (HERNANDEZ, 2007, p. 15). A escolha por trabalhar a linguagem cinematográfica exigiu a exploração de suas especificidades e limitações, utilizando-se de obras que tocassem pontos da realidade dos discentes, sua identidade pessoal e coletiva. Além de explorarem a linguagem de forma a constituir uma questão discutível, chegando ao enriquecimento da relação que existe com esta no meio escolar.

Para isto, foram selecionados, para compor as sessões do Cineclube, os filmes “Marcovaldo” (Pelotas, 2010), curta-metragem pelotense, escolhido por sua proximidade com o cotidiano dos discentes, realizando uma discussão sobre as diferenças sociais, o preconceito e o trabalho; “Amarelo Manga” (Recife, 2003), filme independente que trata de temas sensíveis de forma pungente e debate sobre a coexistência do periférico e da centralidade no mesmo espaço, fazendo uso da linguagem cinematográfica de forma crítica e particular, porém, não pôde ser exibido por conta da classificação etária; “Quanto vale ou é por quilo?” (Brasil, 2005), por trazer o debate entre o documentário e a ficção, além de tratar de temas históricos e sociais, dialogando com a literatura, substitui a exibição de “Amarelo Manga”; “Deus e o diabo na terra do sol” (Rio de Janeiro/Bahia, 1963), obra do Cinema Novo, utilizada para promover uma sensibilização histórica sobre o cinema brasileiro e debater sobre a questão de cinema de autor, além de todas as questões políticas e sociais tocadas pelo filme.

1 Técnica de animação fotograma a fotograma (ou quadro a quadro) com recurso a uma câmera de filmar, fotografar ou mesmo através do computador. Utilizam-se modelos reais em diversos materiais, dentre os mais comuns estão a massinha de modelar.

Como evento final do Cineclubes Limite, foi desenvolvido um vídeo-instalação com a exibição de filmes. Inicialmente foram planejadas três salas para a mostra final do projeto, a primeira sala conteria uma exposição de curtas e longa-metragem, onde ficaria sendo exibidas obras simultaneamente, com fones de ouvido, e nas quais os visitantes poderiam apenas ver imagens, apenas escutar o som, ou sentar-se e assistir ao longa-metragem; a segunda seria uma sala de áudios, em que, também simultaneamente, seriam executados áudios de filmes, áudios gravados com os alunos da escola durante o desenrolar das atividades e entrevistas com professores da escola; na terceira seriam exibidos curtas-metragens, em *Stop Motion*, produzidos pelos alunos na oficina. Porém por questões técnicas condensaram-se essas atividades em uma sala, onde foi feita a exposição de dois curtas-metragens do cineasta Jorge Furtado “Ilha das Flores” (1989) e “O sanduíche” (2000), e um longa-metragem do cineasta brasileiro Rogério Sganzerla “O bandido da Luz vermelha” (1968), seguido da exibição dos curtas em animação de *Stop Motion*.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi constatado que o cinema na escola é utilizado quase sempre como ferramenta didática de contextualização ou sensibilização para um determinado tema de uma disciplina, porém com pouco debate sobre outros aspectos. No entanto, foi realizado a inserção do estudo cinematográfico como disciplina regular do currículo escolar, por parte do professor de Artes do colégio, demonstrando a viabilidade na execução da proposta.

Para a execução do projeto, a escola não carecia de estrutura física para o desenvolvimento das atividades propostas, porém as dificuldades encontradas na execução das exibições foram que as inserções frequentes no horário regular, que não estavam planejadas de antemão no currículo escolar, se tornaram problemáticas, pois necessitavam que professores cedessem turnos de suas aulas, especialmente se tratando de um cineclubes, no qual as atividades, de forma ideal, duram cerca de 2h30 minutos. Este fato tornou a intervenção em aula ineficiente, de forma que os docentes e os discentes acabaram por atribuir às atividade um caráter invasivo, que atrapalhava o desenvolvimento das aulas. Além disto, por ocorrer em horário regular, a atividade adquiriu uma conotação “obrigatória” que mostrou-se bastante prejudicial ao desenvolvimento qualitativo do objetivo proposto. Desta forma, mostrou-se impraticável o trabalho com a linguagem cinematográfica que não esteja devidamente incluído no currículo

Tratando-se das oficinas, observou-se um baixo índice de procura, o que, de acordo com as entrevistas, deveu-se principalmente pelo fato de grande parte dos discentes trabalhar após as aulas. Por outro lado, os que frequentaram a atividade apresentaram ótimo rendimento, tendo concluído o produto final com êxito e engajamento. A participação dos alunos de Cinema e Audiovisual, como pessoal especializado, mostrou-se indispensável.

Apesar do alcance menor do que o esperado, o resultado da atividade foi considerado satisfatório e, talvez a expansão da atividade, sendo devidamente

incluída no planejamento escolar, ainda com adesão voluntária, mas gerando um produto a ser exibido também fora da escola, obtivesse resultados ainda melhores.

4 CONCLUSÃO

Concluimos que a exploração da linguagem cinematográfica no âmbito escolar é possível, porém, para a realização de um trabalho sério e com resultados otimizados, é necessário que esta esteja incluída no planejamento escolar, seja como componente do currículo ou como atividade extracurricular facultativa, além da necessidade de um mínimo de especialização do pessoal envolvido. A estrutura física necessária ao desenvolvimento deste tipo de atividade não é extraordinária, e pode facilmente ser adquirida por uma escola pública, e a coordenação com outros setores da comunidade, como a universidade, pode render bons frutos.

Além disso, o estudo da linguagem cinematográfica como construtor no diálogo sobre identidade e diferenças demonstra um potencial pouco explorado que, apesar das dificuldades encontradas no presente projeto, atua de forma positiva em sua particularidade. Chega a tocar em pontos singulares, dificilmente atingidos por outros meios, constituindo, assim, “uma educação para indivíduos em transição, que construam e participem de experiências vivenciadas de aprendizagem, pelos quais aprendam a resolver questões que possam dar sentido ao mundo em que vivem”, explica ainda Hernandez (2007, p. 15).

5 REFERÊNCIAS

HERNANDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual**. Porto Alegre: Mediação, 2007.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.